

Notas sobre Limitações e Potencialidades do Conceito

de Protagonismo Juvenil considerando Movimentos Sociais

Mary Garcia Castro¹

Resumo: Há um uso e abuso do conceito de protagonismo juvenil, quer por autores e agências conservadores, quer por aqueles do campo crítico. Neste artigo acesso tal debate, reivindicando um exorcismo dialético, lembrando do par daquele conceito no teatro grego, o coro de antagonistas. Discutimos a importância de cuidar contra o simplismo em considerar como “identitárias” frentes de luta que seduzem os jovens, como as relativas ao combate ao

¹ Pesquisadora FLACSO-Brasil, bolsista pós-graduação sênior PPGREC-Programa de Pós graduação em Relações Étnico Raciais, UESB-Jequié; professora aposentada da UFBA-castromg@uol.com.br

Nota: Uma primeira versão deste texto foi apresentada na UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I, na II SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS BRASIL: PARADIGMAS E PERSPECTIVA, em 14 de setembro de 2017

racismo e a opressões por gênero e sexualidade. A depender da formação teórica seriam esses sistemas de opressões estruturantes e estruturadas, de/por lutas de classes, como nos sugere Lo-surdo (2015), ou seja, com potencialidades de frentes antagônicas ao Neo Liberalismo. Aposta-se na crescente mobilização de jovens contra o golpe em curso no Brasil, mas, alinhada às elaborações de Houston (2013) sobre “cidadanias insurgentes” e se adverte que juventude não é necessariamente sinônimo de protagonismo por mudanças libertárias. Sublinha-se a importância de investir contra o analfabetismo político, quer em aparatos institucionais como as escolas, assim como nos movimentos sociais, inclusive partidos políticos à esquerda, ampliando o coro dos antagonistas.

Palavras Chaves: Protagonismo Juvenil; Juventudes; Movimentos Sociais; Brasil

Considerações Gerais

Foi me proposta para uma atividade no final de setembro de 1917, em uma universidade – UNEB- (ver nota 1) – uma comunicação em mesa intitulada “Protagonismo Juvenil e Movimentos Sociais Contemporâneos”. A pertinência de tal tema é clara, considerando que o enfrentamento à barbárie contemporânea, à chamada onda conservadora que corre o mundo mas que mais que onda bem se enquadra nas figuras cunhadas pelo filósofo Giorgio Agamben (2007), sobre estes tempos, a “tanatopolítica” – a política da morte e a produção de “vidas descartáveis” – via a xenofobia, o racismo institucional, as guerras imperialistas, o neo colonialismo, o neo patriarcalismo, o fundamentalismo religioso e a homo/lesbo/transfobias, ou seja por sedutores cabelos mortíferos que se embarralam na Medusa Capitalismo². Novelo que nestas plagas se

² Segundo a mitologia grega, a Medusa, era um monstro, uma das três Górgonas, e que poderia petrificar qualquer pessoa com um único olhar. “O mito da Medusa se entrecruza com outro bem conhecido, o de Perseu. Segundo o mito, ela foi decapitada pelo herói, o qual lutou com a Górgona olhando apenas o



metamorfoseia no golpe Temerário, no ódio, em desencanto com a política, na indignação que se contenta com a piada virtual, em rearranjos da vida no eu, no ilhar-se na minha carreira ou em alternativas respaldadas na ideologia do fim da história, vetores que paralisam a ação por mudanças emancipatórias, coletivas.

Tal estado quo ou como estão as coisas, sim, pedem movimentos sociais vários, tantos os clássicos, como sindicatos e partidos, posicionados na luta de classes no plano da economia política - defendidos como movimentos sociais por Hobsbawm (1971) - como aqueles alinhados contra subordinações várias, decolando de corpos negros, femininos e fora das normas sobre sexualidade. E nesses os jovens, muitos, mas não todos, são os novos Perseu e Atenas, na luta contra o monstro e sua cabeleira.

Mas o conceito de protagonismo juvenil se presta a diversos projetos e mais necessita crítica quanto ao seu uso.

Vou estar enfocando, nesta peça, os dias atuais e não necessariamente um movimento específico, mas faço eco a muitos que ressaltam a importância de movimentos de jovens para a democratização, cada vez mais incompleta do país, como Severo e Wexell (2006) em escrito sobre "Movimentos Sociais de Juventudes":

Ao longo da história nacional, os movimentos sociais de juventude contribuíram para a democratização da sociedade como também para as melhores condições de vida da população. Participaram ativamente dos movimentos abolicionista, tenentista, da semana de arte moderna de 1922, da consolidação do partido comunista brasileiro, fundaram a União Nacional dos Estudantes, organizaram o Fora-Collor. **Os jovens atuam junto à sociedade através de contextos culturais e da conjuntura política que se apresenta.** A partir de 2003 órgãos governamentais começaram a colocar prioridade sobre os direitos dos jovens. Inicialmente, [...], em 2004 o governo federal assumiu as discussões sobre o tema. A preocupação neste momento era gerar emprego e renda para os jovens [...]. Em 2005 foram criadas pelo governo federal a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude. Na Câmara dos Deputados, neste mesmo ano, é proposto o Estatuto da Juventude e o Plano Nacional de Juventude. (Destaque meu.)

Perspectivas que orientam o debate, em proposição

Defende-se a importância da multiplicação de coletivos, movimentos com diferentes nortes, mas pautados em defesas de dissidências críticas a hegemonias normativas que vão contra humanidades, como a do/da negro/a, da mulher e do povo LGBTQ. Considera-se que podem se realizar combinando defesa da emancipação política contra sistemas de opressões que se não se restringem ao embate capital x trabalho, potencializando lutas de classes no/contra o capitalismo.

Recorro ao termo lutas de classes, tendo como parâmetro, reflexões de Losurdo (2015):

Talvez se torne mais claro agora o significado da expressão utilizada pelo 'Manifesto Comunista: lutas de classes' (Klassenkampf). O plural não quer denotar a repetição do idêntico, o contínuo a recorrer à mesma forma da mesma luta de classes, não, o plural remete à multiplicidade das configurações que a luta de classes pode assumir (pág. 29).

seu reflexo no escudo polido. " Perseu era protegido pela deusa guerreira da sabedoria, Atenas. In <https://www.todamateria.com.br/o-mito-de-medusa-na-mitologia-grega/consultado> em 05.06.2018

[...]

O intrincado quadro das lutas de classes que começa a emergir ainda não é completo. Observamos as lutas de classes operarem separadamente; contudo, uma concreta situação histórica, uma grande crise, é caracterizada pelo entrelaçamento complexo e contraditório de lutas de classes (pág. 35).

□ Não considerar que há várias perspectivas, em disputas, no feminismo, no movimento negro e no movimento por direitos de sexualidades não heteronormativas, codificando todos como 'fragmentários', 'pós-modernos', calcados em individualismos, ou como 'identitários', leva muitos jovens a marginalizarem a luta política partidária e o debate sobre o lugar da economia política capitalista e da crítica a um estado Neo Liberal. Minimizando a potencialidades de frentes críticas em lutas de classes. O analfabetismo teórico político sobre o momento histórico por uma esquerda ensimesmada, contribui para o afastamento de jovens de movimentos sociais clássicos, como partidos e sindicatos, em muitos casos.

□ A questão do analfabetismo político, ou falta de leitura da conjuntura em sua complexidade remete à potencialidade de perspectiva atual em ciências sociais, por uma sociologia pública³ como explicita Burowoy:

De acordo com Burowoy, a sociologia encontrar-se-ia contemporaneamente melhor preparada para retraduzir, de maneira sistemática, seu próprio saber disciplinar, no sentido de devolver o conhecimento científico a suas fontes inspiradoras, tornando públicas as questões referentes a problemas privados, "(...) regenerando a fibra moral da sociologia" (Braga e Santana, 2009)

A "sociologia orgânica pública" segundo Braga e Santana (2009) compromete-se com um saber voltado ao fortalecimento da sociedade civil crítica, mas no trabalho com os grupos subalternizados, ambos (academia e movimentos sociais) mais privilegiam o conceito de redes de saberes que propriamente a ideia de protagonismos, já que o que se pretende é conjugar saberes construídos e saberes em uso.

□ Destaca-se como marca que vem se afirmando em movimentos sociais de jovens, hoje, a construção de redes por projeto de contra-ataque às górgonas no capitalismo. E nesse projeto tem sido fundamental algumas juventudes e frentes como a que formou a nova diretoria da UNE em 2017, reunindo várias agremiações à esquerda, priorizando uma frente ampla contra o estado de exceção. Destaco também como ilustrações da ação de muitos jovens, inclusive de diferentes correntes políticas à esquerda mas com um mesmo projeto, por exemplo, o movimento de ocupações de escolas que tomou conta do Brasil em 2015 e 2016.

Em outubro de 2016 mais de mil escolas foram ocupadas por estudantes secundaristas que não se conformavam com

³ Sobre sociologia pública ver Michael Burowoy **Por uma sociologia pública** - ISSN 0104-8015 POLÍTICA & TRABALHO Revista de Ciências Sociais n. 25 outubro de 2006 - p. 9-54- in <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6738/4177>

os rumos que a educação vem tomando no governo Temer⁴. Mas a criação de redes é um processo dialético de aprendizagem do trabalhar juntos tanto para alunos como nas relações alunos, professores e diretores, com contradições, brigas, dissensos e consensos, como se apreende por relatos de 'legados das ocupações das escolas em 2015 e 2016 (ver nota 4)⁵. Note-se que quando das ocupações de escolas, era comum organizar debates sobre temas contemporâneos com a colaboração de pesquisadores.

□ Há que considerar que protagonismos ou 'cidadanias insurgentes' (Houston, 2013) não têm um DNA único. Também vem se ampliando a participação e protagonismo de muitos jovens em movimentos à direita como no Movimento Brasil Livre (MBL)- que em 2016 contabilizava no Face 2.366.038 curtidas e que em seu 1º congresso nacional em novembro de 2015 apresentou entre outras propostas, para o campo da educação: a defesa ao Projeto de Lei "Escola sem Partido" em legislativos estaduais e municipais; a "Militarização das escolas em áreas de risco, ou seja, em locais onde a iniciativa privada não tenha a possibilidade de atuar"; "Gestão privada de escolas públicas através de Organizações Sociais e Parcerias Público-Privadas."; e "Facilitar o financiamento de empresas privadas em instituições educacionais de todos os níveis para fins

de produção científica"⁶.

As lutas de classes, insiste-se, tomam hoje distintas formas, inclusive o da disputa por juventudes, por sua potencialidade para "cidadanias insurgentes", termo do antropólogo James Houston que o associa a outro, referindo a situação Brasil em 2013, qual seja "o paradoxo perverso da democracia brasileira": Sobre o "paradoxo perverso da democracia brasileira" reflete Houston (2013:pág.349):

A democracia brasileira avançou de forma significativa nas últimas duas décadas. Na verdade, tem sido pioneira em inovações que a situam na vanguarda do desenvolvimento democrático do mundo. No entanto, exatamente quando a democracia se enraizou, novos tipos de violência, injustiça, corrupção e impunidade aumentaram dramaticamente [e corrigiria para se tornarem mais visíveis e assumidas como violências]. Essa coincidência é o paradoxo perverso da democratização do Brasil.

Algumas juventudes, mais diretamente são apanhadas nesse paradoxo e por menos amarras com rotinas, obrigações imediatas ou impulsos de transgressão, com maior probabilidade se enredam também em diferentes insurgências, reações a mal-estares com a coisa pública. Mais uma vez me apoio em Houston (2013) contra euforias generalizadoras e simplistas por tais manifestações coletivas por direitos (tendo como referência as manifestações de 2013). Adverte Houston (2013: pág.62):

Cidadanias insurgentes não são necessariamente justas ou democráticas, populistas ou socialistas. Cada caso deve ser avaliado. Sem dúvida o nazismo lançou mão de uma cidadania insurgente na Alemanha, assim como o fez a direita fundamentalista americana nos EEUU. A insurgência define um processo que é uma ação na contramão, uma contra política, que desestabiliza o presente e o torna frágil, desfamiliarizando a coerência com que geralmente se apresenta.

Sim, urge às ciências sociais e às militâncias discutirem sobre protagonismo juvenil e movimentos sociais contemporâneos. E como cientistas sociais, há que cuidar do senso comum e proceder à crítica epistemológica, conceitual, considerando textos e contextos.

Tanto os conceitos de protagonismo, juventude e movimentos sociais em seus formatos atuais em terras Brasileiras, pedem reflexão crítica para que não se caia em valas comuns em que cabem todos do lado luminoso da Força, ou seja, os que estão contra o lado sombrio.

As lutas de classes (entendidas classes como construtos diversos de processos e relações sociais por e contra dominações e discriminações e que se insurjam contra o capitalismo) não se configuram hoje como uma guerra nas/ entre estrelas⁷, mas sim como mobilizar galáxias, e em relação ao nosso tema, diversas juventudes que não vem se sentindo representadas por protagonismos e vanguardas.

O chamado protagonismo juvenil não deve ser considerado um deus ex machina. Girandamos, estamos nas ruas e nos autos representamos como vanguarda contra o golpe e nos

⁴ Bruno André Blume em <http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/> (consultado em 01.02.2018):

⁵ "Estudantes da rede pública de todo o país estão à frente das ocupações. Esses atos estão sendo executados pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), a maior entidade de representação estudantil para o ensino médio. Segundo levantamento da Exame, mais de 1100 escolas foram ocupadas em 22 estados brasileiros (mais o Distrito Federal). [...] No início de 2016, a ocupação de escolas por alunos em protesto teve foco maior no estado de São Paulo. Por lá, foram as escolas técnicas (Etec's) as mais envolvidas no movimento. Nessas ocupações, o foco recaiu sobre questões de responsabilidade do governo estadual, como o fornecimento de merenda, que estava prejudicado por causa do esquema conhecido como "máfia da merenda". Essa não foi a primeira vez que secundaristas de São Paulo se organizaram para ocupar instituições de ensino. Em novembro de 2015, cerca de 200 escolas paulistas foram tomadas por estudantes. Eles protestavam contra a reestruturação do sistema educacional estadual. A medida previa o fechamento de quase 100 escolas e o remanejamento de 311 mil alunos e 74 mil professores.

⁶ Flávia Yuri Oshima e BEATRIZ Morrone (06/02/2017 consultado em 05.07.2018) "O Legado nas ocupações das escolas" in <http://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/02/o-legado-das-ocupacoes-nas-escolas.html>. Aí se lê: "A ocupação das escolas paulistas do fim de 2015 foi a mobilização estudantil exclusivamente secundarista mais bem-sucedida da história. Os estudantes, majoritariamente com idades entre 15 e 17 anos, protestavam contra o projeto de reorganização escolar em São Paulo, que transformaria escolas de dois ciclos – ensino fundamental e médio – em unidades de ciclo único. Depois de quase 60 dias de ocupações, que envolveram mais de 200 colégios, o governo paulista recuou e suspendeu a reorganização. O sucesso do movimento paulista inspirou outras mobilizações pelo país ao longo de 2016. Em Goiás houve ocupações após o governo estadual anunciar um programa de escola pública no formato Organização Social (OS). No Rio de Janeiro, colégios foram ocupados em resposta à decisão do governo estadual, no meio do ano, de suspender o aumento dos professores. O ápice se deu em agosto. Contrários à medida provisória que prevê uma reforma do ensino médio (MP 746, editada em setembro) e à proposta de emenda constitucional que estabelece teto para o gasto público federal (PEC 55, aprovada em dezembro), secundaristas de todo o país ocuparam mais de 1.000 escolas em protesto."

⁷ Sobre "Guerra nas Estrelas" e os lados da "Força" ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Força_\(Star_Wars\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Força_(Star_Wars)) consultado em 20.08.2017

consideremos em movimento. Mas aprendemos, pelo menos os da minha geração, que nos filmes de Hollywood o *the end* era um final feliz apenas 'para os bons', os cowboys – que aprendemos depois que não eram tão bons- e que sempre derrotavam os índios-que somente muito tarde aprendemos que não eram os maus. Contudo ainda é comum equívocos sobre a força das dissidências.

No espaço deste texto, muitos temas que pedem profundidade reflexiva e amparo em análises, dados, chão empírico para o desenvolvimento do pensamento crítico pretendido, vão ser aqui simplificados, ainda que nas ciências sociais as ideias centrais contem com sólido acervo. Contento-me por notas pincelar provocações sobre juventudes, protagonismos e movimentos sociais nestes tempos de Brasil golpeado.

Organizei o texto como segue: Notas sobre o conceito de protagonismo juvenil; Algo sobre juventudes e movimentos sociais; e Notas sobre estes tempos e outras juventudes

Vou simplificar, e muito, o debate sobre o conceito de protagonismo e vou mais me ater ao tema juventudes e movimentos sociais, debatendo elaborações recentes de Maria Glória Gohn e, ao final, a importância de se mapear diversas juventudes no atual cenário brasileiro para melhor discutir quem é protagonista e de que.

Notas sobre o conceito de Protagonismo Juvenil

O termo protagonismo juvenil é caro a agências de fomento no capitalismo, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com ênfase em ensinar-se a pescar e serão os jovens protagonistas em empreender criativas inserções no capitalismo. Não vou me referir a tal protagonismo, mas alerta para o seu *sex appeal* para muitos. (Sobre BID e políticas para juventudes, ver Castro, Abramovay e DeLeon, 2007)

Protagonismo juvenil foi muito utilizado no campo de movimentos sociais relacionados às PPs (Políticas Públicas para Juventudes) e à educação para cidadania entre 2005 a 2014. Nessa linha um dos seus principais precursores no Brasil, foi o pedagogo Antônio Carlos Gomes da Costa, inclusive um dos artífices do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), em 1980. Note-se que a proposta do ECA partiu de entidades sociais, como o Movimento dos Meninos e Meninas de Ruas, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que integraram a comissão nacional sobre o tema. Quando de seminário em 2016 em homenagem a Gomes da Costa, lembrou a professora Isa Maria Guará:

- O protagonismo juvenil do qual o professor Antônio fala é relacionado com o potencial, um olhar de alta expectativa para o jovem, que deve ser encarado como parte da solução. É uma perspectiva de empoderamento, que prevê um caminho de desenvolvimento humano, orientado por uma sequência de processos e ações para criar oportunidades educativas para a participação efetiva dos jovens."

De fato, segundo Gomes da Costa (2007): O Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso.

Notem que o autor destaca termos como potencialidade, ou seja, o protagonismo juvenil é uma potencialidade que pede oportunidades, como o lugar de uma ação educativa, criação de espaços e condições que possibilitem aos jovens o exercício da criatividade

É complexo falar em condições favoráveis ao protagonismo juvenil com o ataque neoliberal golpista hoje à educação, às universidades, sendo, portanto, uma arena básica para que tais condições se realizem, o protagonismo juvenil em defesa de escolas críticas de qualidade, da universidade pública e dos movimentos sociais estudantis. Campo em que jovens, em movimentos como o das ocupações das escolas se destacaram.

A etimologia do conceito de protagonismo revela outra dimensão constituinte básica. Segundo Gomes da Costa (op. cit.):

Proto em grego 'quer dizer o primeiro, o principal. Agon significa luta. Agonista, lutador. Protagonista, literalmente, quer dizer o lutador principal. No teatro, o termo passou a designar os atores que conduzem a trama, os principais atores. O mesmo ocorrendo também com os personagens de um romance"

De fato, é face pouco revelada, o uso do conceito protagonista no teatro grego.

Contudo, em conversas com a arte educadora, professora da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fundadora do Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA), em Salvador, Maria Eugênia Viveiros Millet, outra faceta do uso do conceito no teatro grego foi me chamada atenção: Segundo Millet se os atores, os protos eram personagens individuais na frente, mas era o coro, vozes coletivas, no fundo do palco que por crítica conduziam a trama, o coro dos antagonistas. Note-se que Maria Eugênia Millet se filia como outros estudiosos e ativistas a uma corrente que ressalta a importância do 'ativismo', ou movimentos sociais que recorrem à arte, à ironia, ao riso para denúncias e mobilizações.

O comentário sobre o lugar do antagonismo na mobilização, como o estímulo no teatro grego, sugere que o protagonismo pede coro, luta por e com muitos. Muitas juventudes, sim, podem e devem ser protagonistas da resistência, de contra-ataques. E tem muita potencialidade para tanto. Contudo, se importante a diversificação de movimentos sociais, de jovens em tantas frentes antagônicas ao conservadorismo, ao neoliberalismo, ao golpe, resgato a importância de que autores em ciências sociais, vêm dando à formação de redes de movimentos sociais, o que de alguma forma tem fortalecido os protestos de rua contra o golpe, redes que não eliminam suas singularidades, bandeiras, mas que se unem por urgências, redes que também se ampliam por abranger outros grupos.

Algo sobre Juventudes e movimentos sociais

No campo de estudos sobre movimentos sociais, os trabalhos de Maria da Glória Gohn têm destaque, e juventudes são focalizadas em particular nos mais recentes, quando a autora assim como outros chama a atenção para a diversidade de tipos de participação dos jovens; e defende a tese de que as chamadas formas clássicas de movimentos sociais, como partidos, sindicatos e o movimento estudantil estariam sendo questionadas e marginalizadas pelos jovens – tese que adianto, a meu juízo precipitada e que

não resiste a estudos de casos sobre a participação de jovens em partidos, sindicatos e movimentos estudantis nem a análises sobre manifestações pós 2013.

Cada vez se questiona mais a formatação e representação de partidos e sindicatos, mas não necessariamente viria se dando sua marginalização. Defendo mais a diversidade de movimentos e bandeiras, assim como fissuras que os movimentos por reconhecimento da humanidade do negro, da mulher e de povos gays vêm provocando naqueles movimentos tidos como clássicos, o que é importante para esses e aqueles. E como em nome do “Fora Temer” vem se afirmando nexos entre diversos movimentos e coletivos.

Gohn vem defendendo também a importância das redes virtuais, mas reconhecendo que a partir de 2013 o trânsito, a combinação de mobilização nas ruas e a virtual mais se afirmam. Em trabalho apresentado em 2016 na Sociedade Brasileira de Progresso das Ciências (SBPC), intitulado “Juventudes e Movimentos Sociais”, observa Gohn ao final:

Em síntese: o impeachment da Presidente Dilma Rousseff aglutinou e dividiu grupos e movimentos em dois grandes blocos: os favoráveis e os contrários. Performances de confrontação passaram a ocorrer transformando-se em espetáculo midiático, mas também em mediação de força na luta política. As redes sociais digitais, fator estratégico para as mobilizações em 2013 passaram a ter também, a partir de 2015, função pedagógica - de formação da opinião pública na luta pela criação de convencimentos. As narrativas de cada lado passaram a ser estratégicas. Sites e blogs explodiram na cena cotidiana sem nenhum compromisso com a veracidade dos fatos, com o objetivo apenas de reafirmar narrativas, justificar ‘bordões’ criados.

Segundo Castells, as redes sociais digitais permitem que valores e projetos alternativos adquiram um potencial inédito na história dos movimentos sociais (Castells, 2013:95). (Gohn 2016.)

Já sobre a predominância de algumas juventudes em manifestações a partir de 2013, o papel da violência policial no acirramento de violências de grupos de jovens e no que ela defende como predominância de “novos movimentos sociais” nos movimentos de protesto entre 2010 a 2013 em vários países, em artigo de 2014, Gohn nota:

As manifestações fazem parte de uma nova forma de movimento social, que se caracteriza por participação de uma maioria de jovens escolarizados, predominância de camadas médias, conexão por e em redes digitais, organização horizontal e de forma autônoma, e crítica às formas tradicionais da política da atualidade – especialmente os partidos e os sindicatos.

Muitos dos jovens que respondem às convocações e vão às manifestações estão em fase de batismo na política. Os coletivos inspiram-se em várias fontes, segundo o grupo de pertencimento de cada um. Como rejeitam lideranças verticalizadas, centralizadoras, também não há hegemonia de apenas uma ideologia ou utopia. O que os motiva é um sentimento de descontentamento, desencantamento e indignação contra a conjuntura ético-política de dirigentes e representantes civis eleitos nas estruturas de poder estatal, assim como as prioridades nas obras e ações selecionadas e seus efeitos na sociedade.

Como rejeitam lideranças verticalizadas, centralizadoras, não há hegemonia de apenas uma ideologia, utopia ou esperança que os motive. Alguns retiram, da esquerda, ensinamentos sobre a luta contra o capital e as formas de controle e dominação do capitalismo contemporâneo, na busca da emancipação. Do anarquismo e do socialismo libertário, grupos ressuscitam e renovam leituras sobre a solidariedade, a liberdade dos indivíduos, a autogestão, e a esquecida fraternidade, retomada nas ações de enfrentamento à repressão policial. Há também um novo humanismo na ação de alguns, expresso em visões holísticas e comunitaristas, que critica a sociedade de consumo, o egoísmo, a violência cotidiana [...] Muitos não têm formação alguma, estão aprendendo na luta do dia a dia, formatando

seus valores conforme o calor da hora. D. Cohn-Bendit (2013)¹ observou, a respeito das manifestações no Brasil: ‘Nos anos 60 prevalecia a defesa dos ideais, socialismo, anarquismo, alguns lutavam em nome de Cuba, da China. Hoje não há a questão ideológica. Isso é bom: lutar por escola melhor, transporte melhor’. (Gohn 2014)

Defendo que há que ter cautela com generalizações sobre o apoliticismo de movimentos sociais de jovens, e a marginalização de ‘grandes narrativas’, como o socialismo, precipitada inferência a partir das manifestações de 2013 no Brasil e outras manifestações em outros países.

Tal interpretação das manifestações daquele período – 2013 no caso do Brasil –, quanto a desdobramentos, a meu juízo foram precipitadas o que já Gohn naquele artigo pressentia ao afirmar:

Há múltiplos processos de subjetivação na construção dos sujeitos em ação, o que dificulta prever seus desdobramentos – os acontecimentos, no calor da hora, provocam reações que geram novas frentes de ação coletiva. A composição dessas novas frentes é complexa, diversificada, com múltiplos atores, propostas e concepções sobre a política, a sociedade, o governo etc. [...] É impossível manter mobilizações de massa por muito tempo.

Mas as raízes da revolta e dos protestos continuam prestes a explodir a qualquer momento.

Tais reflexões pedem críticas embasadas em mais estudos e análises dos que as me proponho aqui, contudo a questão de diversidade de bandeiras, frentes e formas de organização, o cuidado com o engessamento artificial quando se fala em clássicos e novos movimentos sociais, assim como o alerta de que os projetos, as redes e ação conjunta não se impõem por si, mas nas relações antagônicas com poderes, como agências do capitalismo, o Estado neoliberal. (Gohn 2014.)

Avaliações sobre fragmentações e rejeição de formações clássicas de movimentos sociais não vêm resistindo a materialidades, imposições da história, de conjunturas. Por outro lado diversidade de posições no movimento negro, no movimento feminista e nos de direitos LGBTQ alerta que nem todos, todas que estão em movimentos sociais que focalizam o racismo, a homofobia e o patriarcado podem ser chamados de movimentos “identitários”. Termo mais afim a perspectivas liberais que se acomodam na tipologia de novos movimentos ou decolam e aterrissam no eu, ou seja, seriam autocentrados ou fragmentados e avessos a análises sobre classes sociais, de corte marxista.

Na Marcha das Mulheres em Florianópolis quando do Congresso Fazendo Gênero (setembro de 2017) em que estavam cerca de 8 000 pessoas, a maioria mulheres, impressionava a combinação de frentes de luta, a presença de ativistas feministas negras, e o grito em uníssono de “Fora Temer”, misturados a consignas específicas. Em distintos eventos de cientistas sociais e ativistas o afã de pontes sobre lugares de rebelião, de estudo e luta. Conceitos como inteseccionalidade, das feministas negras, ressaltando conexões entre gênero, raça e classe sugerem que é outra a constituição de um todo que se considera importante não simplificar. O trabalho de movimentos de mulheres negras, e de muitos outros, em denunciar o genocídio do povo jovem negro pobre; bem como a preocupação em sindicatos e partidos de esquerda em discutir e criar frentes sobre etnicidade e raça, homo afetividade e violências contra o povo LGBTQ como expressões de sexismos nos lugares de trabalho, ilustram perspectivas que advogam que a luta de classes hoje se irradia por vários estruturantes. Como bem observa Lozurdo (2015) antes citado.

Aqueles eventos e mobilizações ilustram que outra perspectiva sobre movimentos sociais vem se afirmando, que não os do quieto ou por competição sobre que luta seria a prioritária no momento, em que pese o reconhecimento de que nem todas as lutas fazem cocegas ao capitalismo, ao contrário, muitas são cooptadas ou domesticadas por políticas pontuais.

Não sou ingênua a ponto de achar que tais pontes entre lutas políticas, ou, desculpem o neologismo, o que estou batizando de “interculturapoliticidades” sejam de fácil simétrica construção. Não o são, ao contrário, mas destaco como marca destes tempos, a preocupação com redes de movimentos sociais antagônicos a fundamentalismos e à ditadura de poderes que há muito exercem hegemonia por redes, como a do executivo, legislativo, mídia e judiciário para o agenciamento da governabilidade golpista.

Rede de movimentos sociais, sem aparelhamentos; nexos entre movimentos sociais e partidos à esquerda; nexos entre militância presencial e cyber militância são desafios destes tempos. Assim como o desafio maior de ataque a analfabetismos políticos de atores e agências, como os partidos políticos, por uma abordagem não “identitária” das lutas por reconhecimento de direitos contra opressões e discriminações. E jovens vêm se destacando em fazer avançar enfrentamentos a tais desafios, contudo tal esforço pede muito mais investimento entre saberes e ação, ou seja, “cidadanias ativas” informadas. (Ver Castro 2014.)

Notas sobre estes tempos e outras juventudes

Outro tema complexo no debate sobre protagonismo, juventudes e movimentos sociais é a relação entre cenário político econômico e juventudes, em especial sobre as juventudes que não estão em movimentos sociais, nem nas ruas pelo projeto aglutinador de tantos como o “Fora Temer” e que não se sentem representados por protagonismos quer à esquerda quer à direita.

Um ganho nos estudos contemporâneos sobre e com juventudes vem sendo destacar a equação juventudes- juventude-, a pluralidade de existências, vulnerabilizações e projetos na geração cunhada como jovem, como por exemplo aquela entre 15 a 29 anos, reconhecendo que tal coorte de fato teria algumas singularidades em relação a outros.

Os sistemas de classe, raça e gênero – e neste o de sexualidade – identificam jovens quanto a necessidades, imaginários e tipos de vivências. Contudo, vem também se alertando que tais marcadores sociais não são os únicos para tal singularização. No caso do Brasil, que prima por desigualdades sociais várias, a pertença territorial e a inserção em instituições como a escola, somam-se também àquelas comumente mencionadas.

Quando a referência é juventudes, há que estar atento à diversidade e como esta pode se confundir com ou camuflar os processos de desigualdades sociais. De fato, a fronteira entre diversidade e desigualdades sociais é fluida, mas básica quando se tem como foco juventudes

Na contemporaneidade, são múltiplos e singulares os desafios e vulnerabilidades sociais enfrentadas por muitos jovens, ainda mais quando se os considera em comparação com outros períodos históricos e pessoas de outros grupos etários. Sobrepoem-se um momento econômico de crise mundial, com demandas de um

modelo de desenvolvimento com ênfase em habilidades, experiência e socialização com a sociedade do conhecimento e da informação. O capitalismo rentista, financeiro é cruel para os/as jovens assim como a Quarta revolução, e sua ênfase na Informação. Então cuidados em discutir protagonismo sem melhor se identificar cenários que mais acirram lutas de classes.

Os jovens catalisam de forma especial as mudanças de paradigmas, a complexidade destes tempos. Os problemas com que se depara a economia política, primeiro os atingem, haja vista que, em todos os países envolvidos na chamada crise atual do capitalismo, as mais altas taxas de desemprego se relacionam à coorte jovem. Eles também são mais bombardeados por apelos a consumos e a pluralidades do prazer ou por pressões por viver em ‘um eterno presente’ (BAUMAN, 2012, entre outros), sendo sensíveis à ampliação das referências quanto a direitos e a orientação por inventar novos direitos (Abramovay, Castro e Weisselmiss, 2015: pág. 89).

Então o tema proposto para a atividade e que provocou uma primeira modelagem deste texto (ver nota 1) estimula seu rearranjo para um outro debate futuro sobre: que juventudes e em que tipo de protagonismo vem se destacando diferentes jovens?

Estamos em tempos que estimulam protagonismos pautados em ódio, homofobia, racismo entre outras violências, como também em tempos que abortam condições para o estímulo do pensamento crítico, uma educação de qualidade, pública, a meu juízo condição básica para protagonismos por mudanças sociais. Além da premente necessidade de maior investimento por partidos à esquerda contra analfabetismos políticos, inclusive os próprios, como aquele que recusa a considerar a potencialidade de frentes contra opressões indiretamente estruturadas por relações sociais de classe, mas dialeticamente estruturantes dessas, como as relacionadas ao racismo, ao patriarcado e à codificação normatizadora de sexualidades.

Estamos em cenário de ‘des-políticas’ públicas, ou políticas que asfaltam privatizações, que corroem a tônica por um ensino laico, contra o analfabetismo político e com espaço para o pensamento crítico. São ilustrações de des-políticas públicas a chamada reforma do ensino médio, a abolição dos conceitos de gênero, sexualidade e discriminação racial do Plano Nacional de Educação (PNE), e as alterações na calada da noite de 10 de junho de 2017 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), instituindo a não obrigatoriedade no ensino médio de disciplinas como Sociologia, Filosofia, Arte, Educação Física, Música e no ensino básico, a não obrigatoriedade do ensino, de cultura afro-brasileira e a desobrigação do estado com a universalidade e gratuidade do ensino básico. Também a reforma das leis trabalhistas mais tornam precárias as oportunidades de trabalho para jovens. Este é hoje o cenário para se refletir sobre a urgência de um protagonismo plural e da importância de elos, redes de resistência, ou seja, ‘interculturapoliticidades’

Por outro lado, uma pincelada sobre perfil de juventudes mais questiona generalizações sobre protagonismos da juventude em termos de participação política crítica e por emancipações.

Segundo o último censo de população do Brasil, de 2010, chega a 51 350 478 milhões os que estão entre 15 a 29 anos, o que representa um pouco mais da metade da população total (52,4%). Alguns desafios para muitas juventudes são registrados no quadro abaixo. Ressaltando-se que como para alguns indicadores não se acessa período atual, com a maior probabilidade o quadro é ainda

mais perverso hoje considerando os retrocessos em conquistas sociais a partir de 2014:

Quadro 1 - Realidade Brasil da Juventude/ de Juventudes	
Em 2009:	
•	30,6% viviam em famílias com menos de 3 salários mínimos de renda domiciliar (*);
•	15,7% em famílias com renda domiciliar per capita superior a 2 salários mínimos;
•	34% (7,9 milhões) frequentavam a escola (**);
•	5% (753,4 mil) eram analfabetos;
•	30% (5,4 milhões) não haviam concluído o ensino fundamental;
•	3,5% (547 mil) haviam cursado só um ano do ensino superior.

(Fonte - IBGE, PNAD 2009; Censo 2010).

(*)-Segundo o IBGE, em 2017 metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo e 1% da população ganha 36 vezes mais do que a parcela com os menores rendimentos⁸

(**) "Relatório [sobre Brasil, 2017] aponta que 264 milhões de crianças e jovens não frequentam a escola, diz Unesco"⁹

Quanto à situação ocupacional em 2012, considerando pesquisa da Fundação Perseu Abramo, focalizando Regiões Metropolitanas tem-se que: 36% dos jovens entre 15 e 24 anos têm emprego, outros 22% já trabalharam, mas estão desempregados; na média, os jovens demoram 15 meses para conseguir o primeiro emprego ou uma nova ocupação, nas regiões metropolitanas. No total, 66% deles precisam trabalhar porque todo o seu ganho, ou parte dele, complementa a renda familiar (Botelho, 2013).

Na era Temer, a situação em muito piorou. Em 2017, segundo a OIT em seu estudo "Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2017": "No Brasil, 30% dos jovens não têm trabalho. Dos 190 países analisados, apenas 36 têm situação pior que a brasileira".¹⁰

Fala-se muito na importância de redes virtuais para o protagonismo juvenil em movimentos por emancipação política e de fato o uso da internet vem crescendo no país. Em 2008 eram 52,8% os jovens usuários de internet, em 2012 passaram para 69,7%. Contudo tem-se que "os 10 % mais ricos ainda acessam duas vezes mais [a internet] que os 40% mais pobres". (In Abramovay, 8 In https://odia.ig.com.br/_conteudo/economia/2017-11-29/ibge-metade-da-populacao-brasileira-vive-com-menos-de-um-salario-minimo.html, consultado 05.06.2018

9 In <https://g1.globo.com/educacao/noticia/relatorio-aponta-que-264-milhoes-de-criancas-e-jovens-nao-frequentam-a-escola-diz-unesco.ghtml> (de 23.10.2017), consultado 05.06.2018

10 Notícia de 11.12.2017. In <https://www.cartacapital.com.br/economia/OIT-desemprego-entre-jovens-brasileiros-e-o-dobro-da-media-mundial>. Consultado em 05.06.2018

Castro, e Waisseliss 2015.)

Violência e segurança são temas que vêm mais capitalizando debates e denúncias de pesquisadores e movimentos sociais hoje no Brasil, e a vitimização de jovens negros, sua representação entre os que matam e principalmente entre os que mais morrem, inclusive por ação do próprio sistema de segurança, a polícia, ou seja, por um tipo de racismo institucionalizado, viria sendo visibilizada, indignando muitos, mas, já fazendo parte de um cenário brasileiro banalizado. As curvas ascendentes de violência e criminalidade constituem um problema crítico do século XXI, tão mais grave, na medida em que além de afetar a integridade física, emocional e patrimonial de indivíduos, também coloca em questão a noção de cidadania e o próprio papel do Estado.

Dados recém divulgados, como os do Atlas da Violência, 2018, indicam que 56,5% dos óbitos dos brasileiros entre 15 e 19 anos foram causados por morte violenta¹¹:

Quando a análise mira grupos vulneráveis, os assassinatos crescem no DF. Jovens entre 15 e 29 anos, mulheres e negras estão mais propícios a serem vítimas. Entre 2015 e 2016, a cada 100 mil jovens, 50,4 morreram assassinados no DF, principalmente, homens – um aumento de 6% entre 2015 e 2016. O estudo mostra que a região acompanha o fenômeno nacional. No Brasil, são 65,5 mortos intencionalmente a cada 100 mil jovens. O levantamento alerta que o agravamento desse quadro em 2016 dever ser uma preocupação para o Brasil.¹²

Economia e cultura se retroalimentam em outros desafios que ameaçam juventudes. Existe na sociedade uma cultura da violência, alimentada pelo individualismo, consumismo e competição exacerbada. A cultura da violência expõe os indivíduos a constantes danos físicos e morais, pressupõe que somente a força resolve os conflitos do cotidiano. Assim se parte da ideia de que a violência é um fenômeno inevitável e faz parte de nossas vidas. Os jovens vivem, numa época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômico e moral, as quais afetam, de modo indelével, sua forma de estar, de viver o ser jovem e transição para a vida adulta.

Sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória - cujo principal traço é suscitar aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações, porque irrealizáveis para a grande maioria - transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e o acirramento das diferenças constituem algumas de suas faces mais visíveis.

No quadro s que segue algumas potencialidades dos, das jovens, muitos, hoje para acionar mobilizações contra górgonas destes tempos.

Quadro 2 -Potencialidades de Muitos Jovens Hoje

•	Impulsos a Rebeliões sobre estereótipos, tabus, preconceitos;
---	---

11 In <https://oglobo.globo.com/brasil/atlas-da-violencia-2018-brasil-tem-taxa-de-homicidio-30-vezes-maior-do-que-europa-22747176#ixzz5HZ78Lp8o> consultados, 05.06.2018

12 "Atlas da Violência aponta que jovens são os que mais morrem no DF" In https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/06/06/interna_cidadesdf,686448/mapa-da-violencia-aponta-que-jovens-sao-os-que-mais-morrem-no-df.shtml, consultado em 07.06.2018

•	Vontade de saber e construir o novo;
•	Busca por autonomia e por participação crítica, curiosidade e adrenalina;
•	Orientação gregária – fratrias (grupos de amigos);
•	Apelo para diversas linguagens, como as TICs (novas tecnologias de informações) e artes; trânsitos entre vários tipos de organização (movimentos sociais e ONGs, inclusive partidos) recorrendo a culturas juvenis;
•	Busca por autonomia, o que exige redes de proteção social;
•	Mobilização – Participação política, buscas por formas diversificadas de fazer política e modernização crítica de movimentos clássicos, como partidos e sindicatos ¹³

Contudo, muitos jovens no Brasil hoje existem e não existem, ou deixam de existir, sem que se dê muita conta, são “vidas descartáveis”, vítimas da ‘tanatopolítica’ (Aganben, 2007), mas a juventude é uma potencialidade. Ser jovem potencializa questionar projetos políticos-culturais que sufocam transformações, ainda que não necessariamente todos os indivíduos em idades jovens busquem mudanças, e por outro lado nem todos etariamente jovens possam ser jovens.

As potencialidades de juventudes esbarram em desencantos e analfabetismos políticos, que atingem tanto vários movimentos sociais à esquerda, por desconhecimento de realidades e quererem de distintas juventudes, como a muitos jovens, por falta de uma escola de qualidade e outras ambiências socializantes com vertente crítica.

Reflexão Final

Insisto que o tema protagonismo, se recuperado seu sentido dialético, ou seja, de relacionado a antagonismos, estimula construções, agenciamentos com juventudes em movimentos sociais e em movimento, nas ruas. Mas protagonismo pede acesso a saberes, combate a analfabetismos políticos, e parceria de conhecimentos, ou seja, entrelace de ciências sociais orgânicas, públicas, com experiências em ativismos e “ativismos”.

Contudo, insiste-se, o desafio maior seria protagonizar para mobilizações por emancipações, aqueles que não se encantam com protagonismos em movimentos legitimados como tais-partidos, sindicatos e movimentos sociais focalizados; aqueles que buscam outros espaços, que lhes são mais próximos, em territórios de periferias, como os do chamado mundo do crime, ou naqueles que se sentem mais reconhecidos, como em gangues e fratrias; ou naqueles que lhe oferecem recompensas por poderes transcendentes, como as igrejas.

Protagonismo juvenil é uma potencialidade, em especial quando movimentos sociais impulsionados ou com forte presença de jovens mais buscarem representar as necessidades de tantos

¹³ Ver sobre juventudes, entre outras, pesquisas de Abramovay, Miriam; Waisseliss, Júlio e Castro, Mary Garcia em sites da FLACSO-Brasil e da UNESCO, entre outras fontes.

jovens cujas humanidades vem sendo massacrada pelo Estado e poderes, como os e as jovens negras, os que não estudam e nem trabalham¹⁴, os e as denominados genericamente de jovens da/na/ de periferia, para que sentindo-se esses de fato representados, apresentando-se, reforcem as hostes das cidadanias insurgentes ante golpistas, discriminatórias, opressoras de liberdades. São jovens que protagonizam dramas que não modelaram, como o tráfico, a violência policial, o desemprego, e organizações pautadas por fundamentalismos. Jovens que sem ser parte de coro, movimento sociais de rebelião contra o estado de coisas, são antagonistas de si, protagonistas e vítimas de crimes anunciados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia e WAISSSELFIS, Júlio **Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?** MEC/OEI/FLACSO, Brasília 2015
- AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2007
- BOTELHO, Joaquim, “Os Jovens e o mercado de trabalho” -<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiaadeempregos/palavra/jbotelho/ge140202.htm>-consultado em 17.08.2017.
- BRAGA Ruy e SANTANA, Marco **Aurélio Sociologia pública: engajamento e crítica social em debate**. On-line version ISSN 1983-8239. Cad.CRH vol.22 no.56 Salvador May/Aug. 2009
- <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792009000200001> acessado em 12.3.2018
- CASTRO, Mary Garcia “Juventudes e Cidadanias” in **FLACSO-Brasil Caderno 11**, FLACSO Brasil (da Série Cadernos FLACSO), Rio de Janeiro, 2014
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam e DELEON, Alessandro **Juventude: tempo presente, tempo futuro?** Ed GIFE, São Paulo, 2007
- GOHN, Maria da Glória “Mobilização da Juventude e Redes Sociais”, in **Anais da 68ª Reunião Anual da SBPC** - Porto Seguro - BA - julho/2016- http://www.sbpnet.org.br/livro/68ra/PDFs/arq_4563_2162.pdf, consultado em 5.02.2017
- GOHN, Maria da Glória A SOCIEDADE BRASILEIRA EM MOVIMENTO: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais, in **CADERNO CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 431-441, Maio/ago. 2014-In <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n71/a13v27n71.pdf>, consultado 15.8.2017
- GOMES DA COSTA, Antônio Carlos **Protagonismo Juvenil: O que é e como praticá-lo** In <http://www.institutoalianca.org.br/ProtagonismoJuvenil.pdf>, 2007 acessado em 5.3.2017
- HOBBSBAWM, Eric **Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th centuries**, Manchester University Press, Manchester, 1971
- HOUSTON, James **Cidadania Insurgente. Disjunções da Democracia e da Modernidade no Brasil**. Cia das Letras, São Paulo, 2013
- INSTITUTO AYRTON SENNA In:<http://www.institutoayrtonsenna.org.br/todas-as-noticias/legado-de-antonio-carlos-gomes-da-costa-e-tema-de-seminario/12> de maio de 2016
- LOSURDO, Domenico **As Lutas de Classes. Uma História Política e Filosófica**, Boitempo Editorial, São Paulo, 2015
- SEVERO, Mirlene Fátima e SIMÕES Wexell **Os movimentos sociais de juventude e os direitos dos jovens no Brasil** in <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/9895>, de 2006, consultado em 04.07.2017

¹⁴ “No Brasil, 11 milhões de jovens, quase um quarto da população entre 15 e 29 anos, não estudam nem trabalham. Em um país cuja força de trabalho está ficando mais velha e começará a diminuir em 2035, isso soa preocupante”. In https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/economia/1521229056_606414.html, consultado em 09.06.2018